

# A BICHA DOCENTE DESPACHADA: SOCIPOETIZANDO A EDUCAÇÃO NAS DIFERENÇAS

Roberto Vinício Souza da Silva<sup>1</sup>  
Letícia Carolina Pereira do Nascimento<sup>2</sup>  
Marcio Caetano<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente artigo objetiva interrogar os modos como as vivências da *Bicha Docente Despachada* tensionam os discursos cisheteropatriarcais na educação escolar. A pesquisa foi realizada a partir de uma oficina sociopoética em que a *Bicha Docente Despachada* emergiu como personagem conceitual de um professor-bicha que vive os desafios e as potencialidades de exercer a docência em uma cidade do interior do estado no Piauí. A partir da metáfora *Meu Cu*, a *Bicha Docente Despachada* faz do corpo passagem, permitindo fluxos que mobilizam estruturas curriculares e normativas. Ao afirmar a diferença como modo de ser e ensinar, a *Bicha Docente Despachada* propõe a afirmação de fluxos de desejo que ensejam a produção das diferenças na educação.

**Palavras-chave:** Homossexualidades docentes; Cisheteronormatividade; Sociopoética.

## The *ratchet fag docent*: sociopoeticizing the education in the differences

**Abstract:** The present article aims to interrogate the ways on how the acquaintances of the *Ratchet Fag Docent* tense the cisheteropatriarchy speeches in the schooling. The research was performed as of one sociopoetic's workshop on which the *Ratchet Fag Docent* emerged as conceptual character of an fag-teacher that lives the challenges and the potentialities of exerting the docentship in a city of the interior of the state of Piauí. Starting from the metaphor *My Ass*, the *Ratchet Fag Docent* makes the body passage, allowing fluxes which mobilize curricular and normative structures. By affirming the difference as way of teaching, the *Ratchet Fag Docent* proposes the affirmation of the fluxes of desire that intent the production of the differences in the education.

**Keywords:** Docent Homosexualities; Cisheteropatriarchy; Sociopetics.

---

1 Faculdade Uninassau ([prof.robertovinicio@gmail.com](mailto:prof.robertovinicio@gmail.com))

2 Universidade Federal do Piauí ([lecarolpereira@gmail.com](mailto:lecarolpereira@gmail.com))

3 Universidade Federal de Pelotas ([mrvcaetano@gmail.com](mailto:mrvcaetano@gmail.com))

## INTRODUÇÃO

As populações lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), assim como as demais identidades que divergem da heterossexualidade como norma, há bastante tempo sinalizam suas pretensões de existência pela ruptura de silêncio e por políticas de reconhecimento. Mais de 50 anos depois da Revolta de Stonewall, marco internacional no ocidente dos ativismos LGBT, as conquistas, embora existentes, ainda não são suficientes para apagar séculos de preconceitos e discriminações vivenciadas por essas populações. As sociedades ocidentais foram instituindo, a partir de inúmeras produções discursivas, o cisheteropatriarcalismo<sup>4</sup> como regime de verdade e, nesse processo, as experiências LGBT são relegadas a espaços marginais de inexistências.

As instituições de ensino estão envolvidas na produção e fixação do cisheteropatriarcalismo por meio de seus movimentos curriculares. Nesse sentido, ao reconhecer os espaços por onde interagem os sujeitos das escolas e, por sua vez, os interesses implicados em suas ações pedagógicas, não circunscrevemos os movimentos curriculares à escola, ainda que a reconhecemos como lócus central do debate. Ao ampliarmos o entendimento sobre espaços de formação, estamos compreendendo movimentos curriculares, assim como Caetano (2016) defende:

[...] os atos escolares e as tecnologias pedagógicas (arquitetura, livros didáticos, vestimentas, mídia, etc.), que significadas na cultura e obedecendo à certa lógica de planejamento, constroem, ensinam e regulam as performatividades, produzindo modos de subjetivação e arquitetando formas e configurações de estar e viver na escola e, mais amplamente, na sociedade. Assim sendo, não existem corpos livres de investimentos e expectativas sociais. Com este entendimento, [...] transitam modelos de gênero nos movimentos curriculares e esses não se limitam aos conteúdos didáticos (*lato sensu*), mas se expressam nos corpos e nas práticas pedagógicas dos e das professoras profundamente marcadas pelas heranças heteronormativas (CAETANO, 2016, p. 30).

É preciso considerar que as produções discursivas sobre os movimentos curriculares heteronormativos produzem saberes. Portanto, cabe considerá-las como dispositivos da sexualidade que possuem dimensões pedagógicas de governos da vida. Apesar de considerar que os discursos cisheteropatriarcais

---

<sup>4</sup>A categoria de análise emerge a partir da junção dos conceitos de cisgeneridade (refere-se ao sujeito que se identifica com o gênero atribuído no nascimento), heteronormatividade (sistema político que determina a dicotomia complementar e assimétrica entre sexos/gêneros instituindo a heterossexualidade como norma) e o patriarcado (sistema político-social em que o homem adulto detém o controle sobre todas as relações de poder).

demarcam a sexualidade numa condição essencialista, compreendemos, de outro modo, a partir de Foucault (1988) e Caetano (2016), que existem processos produtivos eminentemente subversivos que atravessam os modos como nos constituímos sujeitos da sexualidade.

O presente artigo se propõe pensar as dissidências heteronormativas na educação, a partir da figura da *Bicha Docente Despachada*, sendo ela a personagem conceitual criada durante uma oficina sociopoética. O pensamento mestiço da Sociopoética possibilita a transgressão e durante a oficina a *Bicha Docente Despachada* cria o parangolé *Meu Cu*, uma metáfora para o modo pelo qual a bicha copesquisadora desenvolve suas atividades docentes ao desafiar as regras do cisheteropatriarcalismo.

A pesquisa que produziu a personagem foi realizada no âmbito da graduação em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí, Campus de Parnaíba, teve como tema “homossexualidade na docência” e objetivou compreender os modos como a identidade sexual gay produziram tensões e acordos nos espaços educacionais. Participaram dessa pesquisa quatro bichas docentes, porém, para este artigo, traremos apenas as produções, a partir da abordagem sociopoética, da personagem *Bicha Docente Despachada* (SILVA, 2017).

## TRILHAS E BEIRAS METODOLÓGICAS

Pesquisar com a abordagem sociopoética é uma aventura, cuja trilha é encoberta por diversos desafios e trechos escorregadios; palmilhar por esses espaços é um exercício que exige dos pesquisadores e das pesquisadoras desnudar-se de suas certezas e expectativas. Gauthier (2012) nos alerta que não temos como saber com antecedência que metáforas ou personagens conceituais serão criados pelo bando pesquisador. Com essa abordagem, pesquisamos com e entre as coletividades e, talvez, por caminhar no hibridismo que a *Bicha Docente Despachada*, seja vista em sua potência. Entretanto, esse caminho nos desloca de certeza ortodoxas dos modos de produzir conhecimento; não existe dicotomias cartesianas: sujeitos ou objetos de investigação em uma pesquisa sociopoética. Nela, todos são corresponsáveis pela produção de conhecimento, embora tenhamos diferentes responsabilidades. Em grupo, a Sociopoética mobiliza diversos dispositivos para a produção de conhecimentos, uma ciência sensível emerge em suas múltiplas faces da arte, a espiritualidade, a filosofia, envolvendo muitos devires e possibilidades no âmbito da pesquisa, modos de aprender e ensinar.

A Sociopoética traz princípios que convergem com o desenho desta pesquisa, uma vez que preconiza a importância de se aprender com as culturas de resistências, “[...] que, diretamente, aponta para outras maneiras de interpretar o mundo, não eurodescendente e que foram marginalizados pela colonização e pelo capitalismo” (GAUTHIER, 2012, p. 74). A Sociopoética potencializou a produção de saberes dessas docentes bichas no campo da educação cisheteropatriarcal, alocando as bichas docentes como protagonistas de artes inventivas.

Acreditamos que “[...] cada pessoa é protagonista de sua história, memória, cultura, entre outras experiências construídas no “dia-a-dia” e que são/estão inscritas nos corpos de cada sujeito” (GAUTHIER, 2012, p. 28). Para fazer vibrar as potências do corpo, a Sociopoética pressupõe a realização de oficinas em que as técnicas de produção de dados são vivenciadas pelo grupo-pesquisador. Para Adad (2014, p. 53), “[...] as técnicas criadas pelos[as] facilitadores[as] – pesquisadores[as] oficiais –, cumprem o objetivo de abrir para a produção de um ambiente que propicie a multiplicação e a invenção de novas forças ou armas para afirmar o acaso, a potência do grupo”.

A oficina sociopoética à qual este texto se reporta aconteceu com quatro bichas docentes. No primeiro momento, denominado de negociação, acordamos alguns princípios éticos da pesquisa, como respeito mútuo e confidencialidade dos dados produzidos. Na negociação, para preservar a identidade dos participantes e propiciar a apresentação coletiva, cada copesquisador, após um momento de alongamento e relaxamento, confeccionou para si uma máscara, atribuindo a essa um nome que os identificariam a partir de então. Assim, o grupo foi composto por *Fantasia, Alegria Felicidade Sorriso, Anelle e Branco*. Após a apresentação, a segunda etapa da oficina foi iniciada com a vivência da técnica de produção de dados escolhida para a pesquisa: *Parangolé das Bichas Docentes*.

A técnica do Parangolé surgiu por meio das experiências estéticas propostas pelo artista performático, pintor e escultor brasileiro Hélio Oiticica. Na Sociopoética, a técnica do Parangolé foi criada, inicialmente, por Marta Gonçalves (2013, p. 88), destacando que:

Parangolés são capas, estandartes, bandeiras para serem vestidas ou carregadas pelo participante. Da mesma forma que as casas construídas nas favelas, os Parangolés são feitos com as mais diferentes técnicas, dos mais diferentes materiais que, no entanto, parecem se esquecer do sentido de suas individualidades originais ao se refundirem na totalidade da obra. Os Parangolés são

compostos de materiais variados em cores, tamanhos e formas, texturas, interligados, revelados apenas quando a pessoa se movimenta. A cor ganha um dinamismo no espaço, através da associação com a dança e a música. A cor assume, desse modo, um caráter literal de vivência, reunindo sensação visual, tátil e rítmica. A obra só existe plenamente quando da participação corporal: a estrutura depende da ação.

Para o desenvolvimento do *Parangolé das Bichas Docente*, fizemos um relaxamento com os e as copesquisadoras, no qual as pessoas envolvidas percorreram o “*Labirinto da docência homossexual*”. O dispositivo do relaxamento convidou as bichas docentes a pensarem nas suas vivências homossexuais dentro da educação: quais foram os limites e as possibilidades? Quais as entradas e saídas diante aos desafios? Ao despertar, cada copesquisadora recebeu um tecido e aviamentos diversos (fitas, lantejoulas, lãs, tesouras, colas, tintas...) e passaram a produzir seus parangolés. Os parangolés produzidos pelo grupo receberam os seguintes nomes: *Labirinto de águas eternas*, *Bela vista*, *Desespero* e *Meu cu*.

Após a produção, o grupo verbalizou os sentidos produzidos por meio do relaxamento e da confecção de seus *parangolés*. Esse momento permitiu que as bichas docentes atravessassem as subjetividades umas das outras, potencializando a dimensão coletiva da pesquisa: trouxeram ao grupo suas experiências, sinalizaram as marcas da homofobia, seus medos, mas também seus processos de aceitação e de construção de possibilidades de existência dentro da educação. Importante destacar que, na Sociopoética, não há intenção de resolver os conflitos do grupo, o espaço é para produção de conhecimento e não pode ser confundido com um grupo de autoajuda (GAUTHIER, 2012). A dimensão transformadora da Sociopoética opera por meio de uma micropolítica, do modo como as subjetividades experienciam processos de desterritorialização por meio da pesquisa.

Para permitir a movimentação dos fluxos criadores, após cada pessoa copesquisadora apresentar seu parangolé, foi proposto que elas se vestissem com todos os parangolés, um de cada vez, com a ajuda de todas. Depois de se vestirem, cada um se apresentou, dançando o “*Maracatu das Bichas Docentes*”, e esse momento festivo encerrou a oficina. As produções foram bastante intensas. Conforme, dito anteriormente, o presente texto fará uma análise do parangolé *Meu Cu*.

A da metáfora *Meu Cu* dialoga com os buracos e com as beiras, fazendo fissuras entre saberes instituídos e rompendo/alargando a homogeneidade de

modo a permitir diferentes modos de se pensar as práticas curriculares da *Bicha Docente Despachada*. De modo potente, numa perspectiva filosófica que atravessa a Sociopoética, a produção plástica e oralizada de *Meu Cu* possibilitou a emergência da *Bicha Docente Despachada* como personagem conceitual.

O personagem conceitual não é o representante do filósofo, é mesmo o contrário: o filósofo é somente o invólucro de seu principal personagem conceitual e de todos os outros, que são intercessores, os verdadeiros sujeitos de sua filosofia. Os personagens conceituais são os 'heterônimos' do filósofo, e o nome do filósofo, o simples pseudônimo de seus personagens. (DELEUZE; GUATTARI, 1998, p. 78).

Desse modo, a personagem conceitual *Bicha Docente Despachada* foi a expressão potente de fluxos criadores que permitiram outras formas de pensar a partir de lugares e atravessamentos diversos. A *Bicha Docente Despachada* não foi uma abstração, sua vivência incidiu no modo como compôs e decompôs diferentes extratos das realidades experimentadas e eleitas nas narrações, mobilizando conceitos que foram estranhos à pessoa da narrativa e favoreceram a composição de outros planos.

Como aprendido com Deleuze e Guattari (1998), qualquer personagem conceitual existe na relação entre o plano de imanência: lugar de consistência de conceitos e dos próprios conceitos. Nele, fluem-se intensidades. A *Bicha Docente Despachada*, por meio do *Meu Cu* trouxe as beiras das margens para a educação, dando passagem a outras formas de compreensão das sexualidades e das performatividades de gênero.

*Meu Cu* nesta pesquisa, se desloca de uma perspectiva biologizante e será pensado como um dispositivo capaz de problematizar a cisheteropatriarcalismo como regime de verdade dentro dos movimentos curriculares escolares. A seguir, teceremos algumas considerações teóricas sobre *Meu Cu*, no que tange à sua marginalização dentro das práticas cisheteronopatriarcais, a fim de subsidiar as problematizações produzidas a partir das experiências narradas pela *Bicha Docente Despachada*.

## O CU NAS FRONTEIRAS DO CISHETEROPATRIARCALISMO

O corpo “[...] é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos servindo de fundamento para as práticas de identidade - por exemplo, para a identidade sexual.” (WOODWARD, 2000, p. 15). Assim, é por meio dos discursos sobre o corpo que, historicamente, foram sendo estabelecidas fronteiras para a vivência das

sexualidades e das performatividades de gênero, instituindo um trajeto: o discurso hegemônico do cisheteropatriarcalismo.



De modo específico, mais acentuadamente a partir do século XIX, o corpo e a sexualidade passaram a ser objeto privilegiado das políticas de controle e de moralização da vida social. Articulados com um projeto de sociedade verticalizada e hierárquica, o corpo e o prazer se tornaram campos de lutas e de debate político, revelando formas ideológicas de circunscrição de identidades sexuadas e de reconhecimento social. (PRADO; MACHADO, 2008, p. 12).

A sociedade burguesa do século XIX, embora tenha se despedido do excessivo puritanismo religioso medieval, passou a utilizar-se de outros mecanismos para exercer o controle sobre o corpo e, conseqüentemente, sobre o sexo. Diante disso, apontamos que, na sociedade moderna, a repressão sexual passou da esfera religiosa para o âmbito científico. Desde o início da era capitalista, foram os estudos médicos, jurídicos e de outras áreas correlatas que passaram a classificar as “condutas sexuais” para além da heterossexualidade, como comportamentos patológicos e pervertidos (CAETANO; BECK, 2014). É nesse contexto que os modos de vida cisheteropatriarcais ganharam legitimidade científica, religiosa, jurídica, tornando-se universal, natural, imutável e inquestionável.

É preciso enfatizar, como demarca Preciado (2017), que a cisheteronormatividade, e nós acrescentamos a ela o regime patriarcal, não é uma prática sexual, é, antes, um regime político que opera de modo a garantir a estruturação androcêntrica, cisgênera e heteronormativa, como norma e governo da vida. Nesse processo, o corpo é demarcado em partes lícitas e ilícitas. A anatomia corporal, longe de possuir qualquer verdade biológica, é classificada a partir de critérios médico-científicos morais, fazendo prevalecer funções reprodutivas que marginalizaram outras práticas sexuais.

Os órgãos sexuais foram regulados pelo regime político do cisheteropatriarcalismo como pênis e vagina e delimitados em relação compulsoriamente complementar e assimétrica de modo a garantir a reprodução. Do ânus, foi extraído qualquer potencial de prazer. O corpo, como uma máquina dentro do capitalismo, só se destina à reprodução. Para Deleuze e Guattari (2004), em sua análise sobre os modos como o capitalismo codificou nossos desejos, anunciam que o corpo foi territorializado. Passou a existir um processo de investimento e de fixação dos órgãos. Na medida em que o capitalismo liberta os fluxos do desejo, ele define os limites sociais para essas

vivências. Há, destarte, um processo de produção do desejo, o cisheteropatriarcalismo é o único fluxo marcado como lícito em nossos corpos.

t.

O corpo, então, é reduzido ao organismo – um conjunto de órgãos para os quais a medicina e o saber jurídico determinaram as funções que poderiam estabelecer. As práticas sexuais que envolvem o ânus são classificadas como antinaturais, patológicas, imorais. O ânus limitou-se a um órgão do sistema digestório. Entendemos que essas classificações se dão dentro da discursividade que produz o regime cisheteropatriarcalismo:

Lo que nos ha enseñado la historia del sexo es que este es algo muy maleable, dúctil, variable; discursos médicos recortan partes del cuerpo de diferentes maneras como sexuales según épocas, contextos, discursos, lugares. La mano puede ser un órgano sexual en un siglo y no serlo en el otro. El clítoris hace su aparición en un momento dado de la historia de la medicina, en el siglo XVI, pero su percepción como órgano sexual y su función cambian en el siglo XIX. Hasta el siglo XVIII existía la teoría del sexo único, es decir, solo existía un sexo, el masculino, y todo lo que tenía la mujer era igual a lo del hombre, que era el prototipo, pero invaginado. El trabajo de Thomas Laqueur sobre la construcción social del sexo es fundamental para entender los condicionantes culturales y sociales de eso que llamamos sexo. (SÁEZ; CARRASCOSA, 2011, p. 31).

É preciso questionar o modo como historicamente esses discursos sobre o sexo foram e são produzidos e as rupturas que são possíveis a partir dessa análise. A proposta deste artigo é trazer essas tensões para dentro da educação escolar, tendo em vista que a “pedagogização do sexo” é produzida pelos movimentos curriculares da educação, por meio de suas construções arquitetônicas, de seus regulamentos disciplinares e mecanismos de vigilância, da confissão discursiva, dentre outros mecanismos, enfim, um espaço de produção e fixação da cisheteropatriarcalismo como assinalam Foucault (1988) e Caetano (2016).

Desse modo, apontamos para a desterritorialização do corpo no campo da educação, liberando os fluxos, ao invés de instituir verdades. É o que faz a performatividade dissidente da personagem conceitual *Bicha Docente Despachada*, trazendo o potencial do *Meu Cu* para questionar as normas cisheteropatriarcais.



## A DOCÊNCIA COMO UM MODO SUPERIOR DE DAR O CU

Pensamos o parangolé *Meu Cu* da *Bicha Docente Despachada* como um grito de assombro para o cisheteropatriarcalismo na educação. Ele atormenta a rigidez da docência, seus círculos margeiam o tecido, penetram a tela e a cercam pelo brilho da dissidência. A *Bicha Docente Despachada* desafia as fronteiras, ela mesmo vigiada e punida, desafiada pela normatividade que quer saber até onde ela será capaz de levar seu disfarce, sua máscara e sua fantasia. A *Bicha Docente Despachada* emerge como resposta ao cansaço da submissão. Ela, ainda que cercada, sobrevive e vive, porque é existência encarnada na educação. Ela já não quer passar despercebida.

**Figura 1 - Parangolé *Meu Cu*, *Bicha Docente Despachada***



Fonte: Dados da pesquisa.

Não há entradas nem saídas no labirinto traçado pela *Bicha Docente Despachada*, que argumenta: “no labirinto não vi uma entrada, por mais que fosse induzido uma entrada, e não vi uma saída, é como se tivesse sido colocado dentro, pelas circunstâncias da minha própria vida”. O que nos instiga a pensar, a partir de Butler (2017), o modo pelo qual o gênero nas sociedades ocidentais foi se constituindo como um dispositivo que torna alguém inteligível. Somos corpos marcados pelo gênero. O poder cisheteropatriarcal nos faz acreditar que

não há existência possível fora do gênero, demarcando também a binaridade complementar, assimétrica e compulsória entre homem e mulher cisheterossexuais como únicas identidades legítimas.

A *Bicha Docente Despachada* não pode se colocar fora do CISTema<sup>5</sup> de gênero que a cerca e que exige dela a anunciação de sua sexualidade e a performatividade de gênero dentro da normatividade. Qualquer dissidência não cabe dentro das instituições educativas na lógica cisheteropatriarcal. Por isso, questionamos: qual o lugar do cu nos movimentos curriculares da educação? É difícil responder quando sabemos que as instituições educacionais, a exemplo de várias outras instituições, tentam, a todo o instante, demarcar que a sexualidade e a performatividade de gênero devam ficar isoladas ao reino da vida reprodutiva e privada. Como se a escola pudesse se manter distante das manifestações e dos debates, tentando anular as percepções e as consequências sociopolíticas e culturais da sexualidade (LOPES, 2008), do gênero e, mais amplamente, da existência.

Apesar desse aparente silêncio da educação sobre a sexualidade, ao nos apresentar a ideia de hipótese repressiva, Foucault (1988) assinalará exatamente o modo pelo qual o dispositivo da sexualidade passa por um processo de produção discursiva verdadeira sobre o sexo. Ao contrário de silenciar, o dispositivo da sexualidade faz falar, produz confissão e demanda que o sujeito se exponha, quando não espontaneamente, por meio da extorsão do discurso. Contudo, há de se destacar que existe um discurso autorizado sobre o sexo. Apenas é legítimo o discurso cisheteropatriarcal, todos os demais discursos devem ser vigiados e/ou punidos.

É nessa perspectiva que, sobre uma aparente neutralidade da educação em relação à produção discursiva acerca da sexualidade, que, dentro da ambiência educacional, circulam discursos que produzem corpos cisheteropatriarcais que punem as dissidências sexuais e de gênero (CAETANO, 2016). A *Bicha Docente Despachada* iniciou sua carreira docente em uma escola de Ensino Médio e ela não passou despercebida. Foi punida porque ousou existir e evidenciou como os discursos sobre gênero e sexualidade circulavam na educação produzindo materialidades punitivas.

[...] eu não durei um dia, porque eu fui com uma batinha indiana branca toda bordada [...] eu fui expulso do colégio na mesma

---

5 Viviane Vergueiro Simakawa (2015, p. 15) argumenta, em diálogo com “Grosfoguel (2012) ‘Cistema-mundo’, uso-a enquanto referência a que caracteriza um “[c]istemamundo ocidentalizado/cristianocêntrico moderno/colonial capitalista/patriarcal” que produz “hierarquias epistêmicas” em que - na leitura específica desta dissertação - perspectivas não cisgêneras são excluídas, minimizadas, ou silenciadas.

hora, o colégio era de ensino médio e o diretor falou que não queria nenhum “viadinho” trabalhando aqui [...]. Eu fui mandado embora porque era um “viadinho”, não fiquei sabendo na hora, mas depois um amigo me contou, ele trabalha lá dentro e tem intimidade com o patrão. Nesse sentido, foi péssimo, porque eu não percebi na hora, mas depois que eu percebi, imediatamente providenciei o mestrado, então, tirei algumas forças e criei vergonha na minha cara e não baixei mais a cabeça, igual à Scarlett O’Hara. (Bicha Docente Despachada, 2017).

A materialidade discursiva da *Bicha Docente Despachada* não pode ser tolerada na educação. O seu corpo é marcado pela abjeção e sua existência afronta a cisheteropatriarcalismo. Foi no confronto com as normas regulatórias do gênero que a *Bicha Docente Despachada* entendeu o lugar abjeto que ocupa. Ela não percebeu no momento e não se deu conta, mas foi sua dissidência que fez com que a educação escolar fosse, para ela, um espaço onde habitar não é possível. Como dito por Butler (2017), as normas produzem o sujeito. Visto que ele não existe anteriormente às normas, ele é, antes, um efeito de uma produção discursiva que o interpela.

É o confronto com as normas regulatórias de gênero e sexualidade que fará emergir a *Bicha Docente Despachada*. Ela entende sua abjeção e quando olha as margens circulares que compõem o parangolé *Meu Cu* se percebe como uma nômade. Alguém que transita e percorre as intensidades de estar em muitos lugares, entretanto, assevera que ela nunca está na parte brilhosa. Aquela onde estão as pessoas consideradas normais, para ela, nessa parte “[...] ninguém mexe, ninguém fala e são essas pessoas que ficam vendo a cena acontecer [...]”. Além de perceber seu lugar abjeto, a *Bicha Docente Despachada* entende que é vigiada.

Após ser expulsa da escola, a *Bicha Docente Despachada* criará modos de existência e resistência para que sua abjeção possa habitar a educação. A bicha já é formada e, buscando qualificação, joga-se na pós-graduação em nível de mestrado. Resistente, de cabeça erguida, ela se inspira em *Scarlett O’Hara*, personagem cinematográfica de “E o vento levou”. A bicha não se encaixa nas normas, ela margeia outros caminhos pelas beiras. Após concluir sua pós-graduação, ela voltará às salas de aulas, mas, dessa vez, no Ensino Superior.

Sua primeira experiência em uma universidade privada foi frustrada, as normas de gênero, mais uma vez, se impõem. Ela, então, parte para outra instituição, também privada, na qual ela parece conseguir respirar um pouco mais. Sua performatividade é transgressora para o cisheteropatriarcalismo, sua

existência nesse espaço parece sempre estar por um fio. Não por acaso, ela é sempre convocada a se ajustar ao espaço, conforme o relato:

[...] mas sempre sou chamado pelo meu jeito de ser, inclusive, uma professora disse: [...] eu posso ser assim, nós somos assim, mas nós somos heterossexuais e você é gay! Você tem que agir de uma outra forma. Você não pode brincar, você tem que levar tudo a sério, porque tudo que você fizer vai ser multiplicado e vai ser um problema... eu posso brincar, você não pode', ela falou de uma forma amigável. (Bicha Docente Despachada, 2017).

A relação entre a norma e o outro é evidenciada na fala da professora, que demarca a heterossexualidade como norma. A esta é permitida, na perspectiva da docente, uma vivência livre de coerções. Do outro lado, as performatividades LGBT são compreendidas em suas abjeções, como não vivências, é necessário impor limites, cercar discursos e coibir trejeitos. Parafraseando Guattari (1985), as existências LGBT existem na relação com a heterossexualidade no CISTema dominante. A dependência da normalidade heterossexual se manifesta na imposição da política do segredo e na clandestinidade que produz na homossexualidade um sentimento de vergonha. “A repressão é adaptada de modo que possa ser interiorizada mais facilmente. O que não significa que ela tenha sido suavizada.” (GUATTARI, 1985, p. 64).

Na lógica cisheteropatriarcal, a *Bicha Docente Despachada* precisa se encaixar e entender que a violência vivida é culpa de sua dissidência. Em seus processos de resistência, a bicha entendeu que “a máscara” tem “prazo de validade”. A bicha sabe que pode ser punida, caso não se encaixe. Ela sabe que existe uma fronteira que não pode ser passada e que a normalidade brilhante é um não lugar que inflige limites à sua existência. Por isso, ela circunda as margens de modo nômade e faz da marginalidade um lugar de fissura nas estruturas sociais. Nas fissuras, ela produz modos de viver sua sexualidade, apesar do cisheteropatriarcalismo. Por vezes, ela rompe com a culpa e com a vergonha, ela assume sua vivência como expressão máxima de desejos dissidentes.

A princípio, você acha que o problema está em você, que o problema é você. Isso conforta um pouco, quando você começa a perceber que o problema é estrutural, que é o modo das pessoas pensarem os homossexuais, as bichas, dentro do ensino, dentro de qualquer função social na verdade. Eu falo bicha, porque eu não me sinto homossexual, eu me sinto uma bicha mesmo, uma bicha docente. O que potencializa a bicha docente é o meu temperamento, acho que as pessoas me ajudam muito a saber quem eu sou, a me construir, as pessoas chegam pra mim e

dizem: você é afrontoso, você afronta as pessoas, você tem coragem. Esses dias, uma aluna me chamou de despachada, é um eufemismo para não dizer: você é muito “viadinho peitudo”. (Bicha Docente Despachada In. SILVA, 2017).

A *Bicha Docente Despachada* desliza nos círculos do labirinto. Ela performa um devir-existir-mulher em corpo que se coloca mais vanguardista. Para Guattari (1985, p. 35), “[...] um homem que se desliga das disputas fálicas, inerentes a todas as formações de poder, se engajará, segundo diversas modalidades possíveis, num tal devir-mulher”. Há uma ruptura com o cisheteropatriarcalismo, a bicha desliza nas fronteiras, movimentando as estruturas homofóbicas. Para Borrillo (2010), a homofobia é uma prática que produzirá no sujeito homossexual a interiorização dessa violência, os vários discursos que buscam cercar a vivência homossexual desde insultos, imposição de restrições, censuras morais, faz com que parte dos homossexuais tenham a percepção de eles são o problema. As experiências homofóbicas desencadeiam sentimento de culpa, ansiedade, vergonha e depressão. A homossexualidade é culpabilizada pela sua existência.

Em seu fazer docente, a homossexualidade é compreendida como afrontosa, mas o que ela afronta, senão as normas regulatórias de gênero e sexualidade? O exercício de sua docência é afrontoso, a educação cisheteropatriarcal teima em dizê-la que não, ali não é lugar para uma bicha. Em seu devir-mulher, a *Bicha Docente Despachada* flerta com a feminilidade. Ela refere-se a si no feminino, usa “bata indiana rendada”, brinca com as normas e, desafiando o cisheteropatriarcalismo pelas beiras, vai se mantendo na educação. Ela é dessas! Não busca um reconhecimento dentro de uma identidade única. Ela se expressa como devir-mulher, não por se assemelhar ou desejar viver uma mulher, mas por traçar linhas de fuga às estruturas sociais repressivas da masculinidade hegemônica. Marcada pela rebeldia, a *Bicha Docente Despachada* “[...] contesta o poder heterossexual em seu próprio terreno” (GUATTARI, 1985, p. 34). Ela não dissimula. Ela é notada dentro das estruturas, sabe disso e faz da marginalidade sua resistência negociada.

A bicha despachada não tem medo de se assumir, a bicha despachada é aquela que os alunos não pensam: será? Eles têm certeza na primeira vez que veem. É a bicha despachada que vai para a seleção e está todo mundo vendo: olha, é uma bicha! A bicha não tem medo disso, a bicha não tem medo de ser vista assim, ela está acostumada. (Bicha Docente Despachada IN. SILVA, 2017).

Forjada pelas interpelações discursivas das normas regulatórias de gênero, a *Bicha Docente Despachada* conhece o terreno onde pisa, os riscos são altos, mas ela joga com eles. Ela se impõe, deslizando entre os espaços, nas fissuras e afirmando que “nem sempre dá certo quando eu vejo que a máscara não está se sustentando ou eu caio fora ou tentam me botar para fora”. É por isso que destacamos que a *Bicha Docente Despachada* opera no nível das micropolíticas, produzindo acontecimentos que permitem sua existência em espaços educativos onde a cisheteronormatividade é produzida e fixada.

A performatividade da *Bicha Docente Despachada* entende a sua posição na marginalidade “[...] como a parte mais viva, a mais móvel das coletividades humanas nas suas tentativas de encontrar respostas às mudanças nas estruturas sociais e materiais” (GUATTARI, 1985, p. 46). A *Bicha Docente Despachada* está disposta a viver nas fronteiras e margeando zonas de exclusão. Ela está pronta para construir seus percursos, criar suas possibilidades diante da cisheteronormatividade e faz percorrer os desejos por onde há repressão. Na performatividade, a *Bicha Docente Despachada* trouxe *Meu Cu* como potência capaz de contestar opressões, friccionando o desejo:

O meu cu é uma expressão vulgar, ela é tirada das camadas mais populares, é o não dito, não pode ser dito, mas é o que é vivenciado por todos, é o corpo, é a experiência do corpo e as pessoas tem medo do cu, de expressar ele, é perigoso, é cheio de cerimônia para se retratar a ele e, aí, entra a ideia da bicha despachada. de fato, ela não tem este receio, ela não tem este medo de expressar esta visão de mundo de uma forma mais real, porque afronta os valores, afronta as normas, afronta o estabelecido. (Bicha Docente Despachada IN. SILVA, 2017).

*Meu Cu* é a expressão máxima da transgressão proposta pela *Bicha Docente Despachada*. Afirmá-la é uma contestação direta ao falocentrismo. Se pensarmos o oposto de *Meu Cu*, numa perspectiva fálica, a expressão vulgar “*meu pai*” é usada no senso comum sem restrições. Em rodas masculinas hegemônicas, entre amigos, eles usam de diversos modos a expressão “*meu pai*” para afirmar suas masculinidades. Não apenas na linguagem, o falocentrismo faz com que homens toquem seus pênis, estimulem, exibam sem pudores, tudo isso demarca o lugar cisheteronormativo (CAETANO; SILVA JUNIOR, 2018; CAETANO; TEIXEIRA; SILVA JUNIOR, 2019).

*Meu Cu*, portanto, é o dispositivo que aciona táticas de resistência contra as normas regulatórias de gênero e sexualidade, ele questiona o padrão cisheteropatriarcal. *Meu Cu* traz potência ao que é demarcado pelo falocentrismo como frágil, como lugar de vergonha. Para homens

cisheteropatriarcais, o ânus é um lugar proibido. Para Deleuze e Guattari (2004), o ânus está desapropriado de qualquer investimento libidinoso. É apenas um órgão excretor, sua função é determinada pela medicina, que atende a padrões heteronormativos.

Mesmo entre *gays* e bissexuais masculinos, o ânus é lugar de submissão. Ele possui hierarquia inferior e, com ele, se delimita o antagonismo macho/ativo *versus* fêmea/passiva. A normatização do desejo exige que pessoas socialmente “femininas” se relacionam com as socialmente “masculinas”, “[...] nesse sentido, o que causa escândalo é quando bicha se relaciona com bicha. Esta, sim, seria a relação ‘homossexual’, e ela é ridicularizada no ditado popular ‘bicha com bicha dá lagartixa’” (FRY; MACRAE, 1985, p. 26). É nesse sentido que Guattari (1985) demarca que nem toda homossexualidade é revolucionária. É preciso questionar os modos de normatização do desejo.

*Meu Cu* é marcado nas estruturas sociais como algo baixo, vil, perigoso, submisso, indigno, contudo, para a *Bicha Docente Despachada*, é lugar de potência de enfrentamento. Ela afirma: “meu cu pode cagar tudo, meu cu é muito radical, é uma afronta aos valores e às normas, de forma que é possível que as pessoas percebam que sair das normativas é possível. aceitar as pessoas do jeito que elas são”. *Meu Cu* move as estruturas, não pode ser fixado apenas em homens ou mulheres, o cu é democrático.

Nem feminino nem masculino, o ânus produz um curto-circuito na divisão dos sexos. Como centro da passividade primordial e abjeto por excelência, posicionado perto do detrito e da merda, serve como o buraco negro universal pelo qual avançamos os gêneros, os sexos, as identidades e o capital. (PRECIADO, 2017, p. 79).

O cisheteropatriarcalismo se desestabiliza diante de *Meu Cu*. As expectativas em torno das performatividades de gênero entram em colapso e as fixas referências dos corpos se mostram insuficientes, o organismo é questionado. Os órgãos podem potencializar outras experiências para além do instituído pela medicina. O cu precisa passar por uma desprivatização para dar passagem a fluxos criadores capazes de redimensionar o desejo, os corpos, a sexualidade e nossas relações para além do cisheteropatriarcalismo. Como afirma a *Bicha Docente Despachada*: “meu cu é radical!”. Ele é um projeto de reestruturação para outras sociabilidades nas quais os fluxos dos desejos percorram intensidades criativas com liberdade.

*Meu Cu*, portanto, traz uma grande potência. Mas, no âmbito dos movimentos curriculares da educação, o que pode a *Bicha Docente Despachada*?

De repente, as travestis entrando nas faculdades, gays que, antes, incubados na sala de aula, no outro dia, quando você chega na sala de aula, você percebe que o cara é viado mesmo, ele virou uma bichinha, não é como incentivo, besteira pensar isso, mas como uma forma de poder, talvez na função política, ajudar as pessoas para que elas possam pensar que podem usar uma máscara mais autêntica que caiba melhor no seu rosto (Bicha despachada In. SILVA, 2017).

A presença da *Bicha Docente Despachada* em espaços educacionais proporciona condições para desterritorializações no campo do desejo. Sua homossexualidade demarcada como marginal se torna possível e viável, apesar das resistências interioranas do Piauí e de tantos brasis. A *Bicha Docente Despachada* assume a dimensão de um professor militante nos termos que propõe Gallo (2002), como alguém que pode anunciar a possibilidade do novo, que produz passagens e encontros, que busca viver coletivamente, e, a partir dessas vivências, abre caminho para outras possibilidades. A chave primordial do professor militante é a construção coletiva. As respostas não estão prontas e os caminhos se abrem a partir da experiência.

Circulam na educação discursos inclusivos e tolerantes, discursos que, esvaziados de sentido, atravessam a educação sem produzir mudanças significativas. Para Larrosa e Skliar (2011, p. 11), são palavras esvaziadas como: “[...] diversidade, tolerância, pluralidade, inclusão, reconhecimento, respeito. São palavras que nos soam como falsas quando ouvimos no interior de muitos discursos dominantes no campo político, educativo, cultural, ético, estético ou, inclusive empresarial”. E é por isso que a postura de professor militante da *Bicha Docente Despachada* põe a experiência em evidência. Ela afirma que *Meu Cu* é “um conjunto de círculos concêntricos, numa espécie de palco italiano”. É preciso, portanto, evidenciar as diferenças, mas, como fazer isso se as instituições de ensino se fecham para a aprendizagem entre as diferenças?

A resistência à norma pode ser encarada como um sinal de desvio, de anormalidade, de estranheza, mas também como a própria base com a qual a escola pode trabalhar. Como se faz isto se as instituições não dão ouvidos às experiências fora dos modelos instituídos? A escola não quer aprender. Se ela não quer aprender, ela quer morrer e faz morrer. Entretanto, ao invés de punir, vigiar ou controlar aqueles/as que rompem as normas, buscando enquadrá-las/os, educadoras/es podem se inspirar nessas expressões de dissidência para o próprio educar. Ao invés



de ensinar e reproduzir a experiência da abjeção e da repugnância, o processo de aprendizado poderia ser de ressignificação do estranho, do anormal como veículo de mudança social e abertura para o futuro (ADAD; NASCIMENTO; MARTINS, 2020, p. 16).

É por isso, que a *Bicha Docente Despachada* rompendo com a normatividade demanda por atenção, criando fissuras e colocando em cena os corpos que ocupam lugar marginal dentro do cisheteropatriarcalismo para que outras possibilidades possam ser criadas. A educação se estabelece a partir das trocas, eis, inclusive, o potencial do cu como dispositivo que produz passagem, estabelece trocas de fluxo e é assim que a educação nas diferenças se constitui. A metáfora da Torre de Babel, pensada por Larrosa e Skliar (2011), pode ser traduzida para o campo educacional como celebração das diferenças, encontro e passagem. Para Kohan (2002, p. 129), “Aprender é uma velocidade, um movimento infinito e ilimitado [...]”, assim também é o *Meu Cu* em seu trabalho incansável de passagem.

Preciado (2017) nos convoca para que nos reconheçamos como “trabalhadores do cu” e, portanto, contestadores do cisheteropatriarcalismo. Essa posição nos aloca em uma arquitetura política do corpo que precisa ser questionada para que os fluxos do desejo possam fluir em aprendizagens infinitas sobre nós e sobre o mundo. A homossexualidade molecular fissura as estruturas rígidas, o *Meu Cu* é lugar de passagem e não de permanência e fixidez, nem de essência ou de verdades incontestáveis. Para Preciado (2017, p. 189), “[...] a homossexualidade é uma forma superior de conhecimento, é exatamente porque nela se expressam e se dissolvem todas as contradições da metafísica ocidental”.

É desse modo que a *Bicha Docente Despachada* faz de *Meu Cu* um modo superior de docência por interromper a lógica normatizadora na educação, produzindo fluxos para a fruição do conhecimento. As problematizações em torno da *Bicha Docente Despachada* não têm por intuito torná-la exemplo de governo da vida dissidente, mas compreendê-la como potência desestabilizadora de certezas. Distante dos moldes sedutores da normalidade, a *Bicha Docente Despachada* interiorana inspira outros modos de educar, de aprender e de ensinar com as diferenças.

## CONCLUSÕES

A sexualidade e as performatividades de gênero nos espaços educativos são cercadas de interditos. Os discursos inclusivos, por vezes, perpassam as

estruturas educacionais, mas deixam intactos lugares hegemônicos que garantem a padronização de corpos dentro do cisheteropatriarcalismo. O corpo, como artefato político, é dividido em partes que possuíram distintos valores e sentidos na arquitetura sexual. A vagina e o pênis, numa perspectiva de reciprocidade compulsória, são classificados e legitimados como órgãos do prazer, como positivos na lógica da reprodução; enquanto o ânus foi desapropriado de qualquer possibilidade erótica. Romper o cisheteropatriarcalismo requer também repensar o corpo em suas possibilidades.

E é nesse contexto que a personagem conceitual *Bicha Docente Despachada* atravessa as possibilidades educativas, apontando para outras formas de se pensar o corpo, a sexualidade, o gênero, os modos de produção de subjetividades e o próprio fazer docente. De seu lugar marginal, com suas dissidências, a *Bicha Docente Despachada* habita espaços educativos superando os desafios e alojando-se nas micropolíticas. Seus jogos de disfarces e máscaras aos poucos possibilitaram fazer de suas dissidências um lugar de afirmação militante. Na docência, a pessoas não duvidam que ela seja bicha. Ela se fez!

A *Bicha Docente Despachada* pensa sua afirmação a partir de *Meu Cu*, uma metáfora potente capaz de desestabilizar as verdades sobre o corpo, a sexualidade, a territorialidade, o gênero e a educação. As fronteiras se fragmentam, o estranho passou a habitar a parte interna da fronteira, paradoxalmente permanecendo fora das fronteiras. A ambiguidade que parece inconciliável de ser uma docente bicha e ocupar um lugar em espaços normativos, como a educação, parece estranho, mas ela se constituiu no outro da outriedade. O lugar foi atravessado pelo não lugar. Das brechas do poder se teceram a resistência e a existência. Onde a norma é, por vezes, produzida e fixada, a diferença toma a palavra e encarna a docência radicalmente despachada.

A *Bicha Docente Despachada* produz outros modos de educar refletidos nas possibilidades do novo que emergem a partir da convivência com as diferenças. Por vezes, uma convivência radical, visto que a bicha não teme ser quem ela é, mesmo que lhe custe, como em outras ocasiões, a expulsão dos espaços educacionais. Em suas afirmações potentes, ela desliza pelos espaços normativos, sua presença é *resistência* e *existência*. As palavras se fundem na arte de fazer *Bicha Docente Despachada*. Ela encarna a metáfora *Meu Cu* e faz do corpo a passagem, permitindo fluxos que movimentam as estruturas normativas dos movimentos curriculares cisheteropatriarcais nas afirmações críticas das diferenças.

## REFERÊNCIAS

ADAD, Shara J. H. C. A sociopoética e os cinco princípios: a Filosofia dos Corpos Misturados na Pesquisa em Educação. In: ADAD, Shara.; PETI, Sandra.; SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques. (Org.). **Tudo que não inventamos é falso: dispositivos Artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética**. Fortaleza: EdUECE, 2014. p. 41-59.

ADAD, Shara J. H. C., NASCIMENTO, Letícia C. P. do; MARTINS, Lucivando. R. Aprendizagens em educação e as diferenças – resistências ao heteroterrorismo cultural: que só os beijos te tapem a boca. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 8, 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. de Renato Aguiar. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CAETANO, Marcio. **Performatividades reguladas: heteronormatividade, narrativas biográficas e educação**. Curitiba: Appris, 2016.

CAETANO, Marcio; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço. **De guri a cabra macho: masculinidades no Brasil**. Rio de Janeiro: Edit. Lamparina, 2018.

CAETANO, Marcio, TEIXEIRA, Tarciso.; SILVA JUNIOR, Paulo. Bichas pretas e negões: seus fazeres curriculares em escolas das periferias. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 59, p. 39-55, out./dez 2019.

CAETANO, Marcio; BECK, Dinah Quesada. Hommes de lettres e a homossexualidade: discursos e pedagogias na primeira metade do século XX. **Revista Teias**, Dossiê Linguagens, Formação de Leitores e Cognição, Rio de Janeiro, v. 15, n. 38, p. 75-90, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia 1**. Tradução de Joana Moraes Varela e Manuel Maria Carrilho. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004.

DELEUZE, Gilles. **O que é a filosofia?** Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade do saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1985.

GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 169-178, jul/dez. 2002.

GAUTHIER, Jacques. **O oco do vento: metodologias da pesquisa sociopoética e estudos transculturais**. Curitiba: CRV, 2012.

GONÇALVES, Marta. R. G. **"Pensar é seguir a linha de fuga do voo da bruxa": pesquisa sociopoética com estudantes de direito sobre a arte na formação do jurista**. 2013. 374 f. Tese (Doutorado em Direito) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

GUATTARI, Félix. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

KOHAN, Walter Omar. Entre Deleuze e a educação: Notas para uma política do pensamento. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 123-130, jul/dez. 2002.

LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel: Políticas e poéticas da diferença**. Tradução: Semíramis Gorini da Veiga. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.


LOPES, Luiz. Sexualidade em sala de aula: discurso, desejo e teoria queer. In: MOREIRA, Antônio F.; CANDAU, Vera. (Org.). **Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 125-148.

PRADO, Marco; MACHADO, Frederico. **Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez, 2008.

PRECIADO, Paul. **Manifesto Contrassexual**. Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2017.

SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. **Por el culo**. Políticas anales. Madrid/Barcelona: Editorial Egales, 2011.

SILVA, Roberto Vinício Souza da. **A sociopoética das bichas docentes nos labirintos da homossexualidade**. 93f. Monografia (Graduação) Universidade Estadual do Piauí, curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, 2017.



SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes:** uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. 244 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2015.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

*Recebido em 23 de setembro de 2020*

*Aprovado em 27 de julho de 2021*